



Revisitar o mito Myths Revisited

ORGANIZADORES

Abel Nascimento Pena

Maria de Jesus C. Relvas

Rui Carlos Fonseca

Teresa Casal

lhus

REVISITAR O MITO | MYTHS REVISITED

Organização: Abel Nascimento Pena, Maria de Jesus C. Relvas,
Rui Carlos Fonseca, Teresa Casal

Capa: Sandro Botticelli, *O Nascimento de Vénus*, ca. 1485 (pormenor)
Conceito gráfico: Maria de Jesus C. Relvas

Paginação: Ângela Andrade

© EDIÇÕES HÚMUS, 2015
End. Postal: Apartado 7081
4764-908 Ribeirão – V. N. Famalicão
Tel. 926 375 305
E-mail: humus@humus.com.pt

Impressão: Papelmunde, SMG, Lda. – V. N. Famalicão
1.ª edição: Fevereiro de 2015
Depósito legal: 387047/15
ISBN 978-989-755-112-3

MATERNIDADES MALDITAS

A Mãe Filicida nas *Metamorfoses* de Ovídio

Cristina Santos Pinheiro*

Na tradição mitológica clássica, poucos mitos terão deixado tantos traços no imaginário ocidental como o da mãe filicida. Poucas personagens mitológicas causam tanto fascínio e, ao mesmo tempo, tanta repulsa, como o da mãe que com as suas próprias mãos dilacera o corpo que gerou no seu ventre. Agave, Ino, Procne e Alteia são mães que assassinam e que, nas *Metamorfoses*, se tornam ou seres alheados e insanos que agem por manipulação divina, como é o caso de Agave e Ino, ou mulheres mortificadas por sentimentos de vingança tão poderosos que as levam a distanciar-se da sua maternidade, como acontece com Procne e Alteia. Quanto a Medeia, provavelmente o exemplo mais conhecido e influente da mãe filicida, Ovídio escreveu sobre ela uma tragédia, agora perdida, e uma epístola (a *Heróide* 12) que, no entanto, termina precisamente quando a ideia do filicídio começa a impor-se ao espírito da personagem¹. Nas *Metamorfoses*, descreve-se grande parte da narrativa mitológica marcada pelo enamoramento e pela ajuda de Medeia a Jasão e também pela feitiçaria e pelo crime, mas a morte dos filhos de Medeia apresenta-se num resumo breve e exíguo:

[...] *sanguine natorum perfunditur inpius ensis,
ultraque se male mater Iasonis effugit arma* [...]. (*Met.* 7.396-397)

[...] ela encharca a ímpia espada com o sangue dos filhos.

Após tão atroz vingança, a mãe escapa às armas de Jasão [...] (181)²

Nas *Metamorfoses*, portanto, não é Medeia enquanto mãe filicida que Ovídio explora, mas, primeiro, a jovem que se debate contra a paixão e, depois, a feiticeira

* Universidade da Madeira | Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa.

1 Restam-nos apenas dois versos da *Medea* ovidiana: *Seruire potui: perdere an possim, rogas? e Feror huc illuc, uae, plena deo*. Ed. Ribbeck, *Scaenicae Romanorum Poesis Fragmenta* de 1897. Veja-se, sobre a *Medea* de Ovídio, Ferreira, “Conjecturas em torno da *Medea* de Ovídio”. Sobre a *Heróide* 12, cf. Pinheiro, “Medeia e a elegia” 131-141.

2 Reproduzimos, depois do texto latino das *Metamorfoses*, a tradução de Alberto, de que indicamos a página a seguir a cada citação. Quando não identificada, a tradução dos textos latinos é da nossa autoria.

de recursos intermináveis que nada nem ninguém conseguem deter. Agave, Ino, Procne e Alteia constituem, assim, no conjunto das *orbae matres* das *Metamorfoses* (Clímene, Ceres, Níobe, Hécuba...) ³, o grupo das mães que causam a morte dos filhos. Se, porém, Agave e Ino agem sob o domínio de forças sobrenaturais, Procne e Alteia cometem este crime de forma consciente e até planeada. É sobre estas duas personagens que incide esta análise.

No episódio de Procne e Filomela, em que se narra a violação e mutilação de Filomela pelo cunhado, Tereu (que lhe corta a língua e deixa a jovem escondida num estábulo no meio dos bosques), e a consequente vingança das duas irmãs contra este (Procne e Filomela matam o pequeno Ítis e dão a comer ao pai os membros despedaçados e cozinhados do filho), as relações de parentesco têm um papel determinante porque condicionam a percepção que as personagens (e o leitor) têm da acção e acentuam o carácter trágico tanto do primeiro crime, a violação de Filomela, como do segundo, a morte de Ítis ⁴. O vocabulário relacionado com a ausência de respeito pela *fides* e pela *pietas* é, aliás, uma das bases da tessitura retórica do episódio, desde Pandíon recomendando a Filomela que regresse o quanto antes – *si pietas ulla est, ad me, Philomela, redito*. (*Met.* 6.503) “E tu, Filomela, retorna a casa [...] se tens algum carinho filial por mim” (163) – e confiando a jovem a Tereu – *perque fidem cognataque pectora supplex, / per superos oro, patrio ut tuearis amore [...]* (*Met.* 6.498-499) “Pela lealdade, pelos nossos corações de parentes / te suplico, pelos deuses imploro: protege-a com amor de pai [...]” (163), terminando na afirmação de Procne *scelus est pietas in coniuge Terei*. (*Met.* 6.635) “Amor de mãe na esposa de Tereu é crime” (167). A barbárie e o desrespeito pelas normas sociais que caracterizam o crime de Tereu manter-se-ão na vingança preparada pelas duas irmãs, num equilíbrio macabro e inusitado.

Depois da violação de Filomela, silenciada pelo cunhado, Procne tem conhecimento do crime do marido graças ao estratagema engendrado pela irmã, que representa numa tela o que lhe aconteceu. A vítima, cujo silêncio é uma forma de desumanização, transmite à irmã a sua incapacidade de falar. Quando lê a tela, Procne emudece:

*euoluit uestes saevi matrona tyranni
germanaeque suae fatum miserabile legit
et (mirum potuisse) silet: dolor ora repressit,
uerbaque quaerenti satis indignantia linguae
defuerunt, nec flere uacat, sed fasque nefasque
confusura ruit poenaeque in imagine tota est.* (*Met.* 6.581ss.)
A consorte do malvado tirano desenrolou o tecido
e leu a pungente inscrição da irmã. Fica então sem fala.
(Incrível como pôde!). A dor comprime-lhe os lábios,

3 Sobre as *matres orbae* nas *Metamorfoses*, cf. Pinheiro, *Orbae Matres* 277ss.

4 Note-se que ambos se equivalem em mais do que um aspecto: se Tereu corta a língua a Filomela – língua que, depois de cortada, continua aos saltos no meio do chão – Procne e Filomela despedaçam o pequeno corpo de Ítis e os pedaços do seu corpo saltitam no fogo.

palavras de indignação apropriadas faltam à língua
quando as procura. Sem uma lágrima, lança-se pronta
a confundir lícito e ilícito, e urde, absorta, a vingança. (165)

O silêncio associa-se – curiosamente em consequência do exercício intelectual de ler – à incapacidade de distinguir o bem do mal, duas actividades que diferenciam o ser humano dos restantes animais. Procne perde desta forma qualidades que a caracterizam como ser humano. Não é, por este motivo, a metamorfose final em ave que a bestializa; é neste momento inicial, em que toma conhecimento do crime do marido, que Procne começa a afastar-se da humanidade. Este processo continua no resgate da irmã, quando, sob o pretexto de celebrar cerimónias em honra de Baco, Procne se prepara com vestes que a associam ao culto do deus, mas que, ao mesmo tempo, lhe conferem um aspecto assustador. Se Procne é, agora, *terribilis*, é porque faz com que a sua aparência se adeque à ira que sente. É, assim, uma Procne em processo de desumanização que se embrenha, entre gritos e uivos, pelos bosques, em busca de Filomela, que traz consigo para o palácio juntamente com a barbárie com que o crime de Tereu contagiou a irmã. O disfarce é também uma subversão dos rituais sagrados, já que se trata apenas de um ardil para trazer Filomela, escondida sob a indumentária própria da cerimónia, para o palácio de Tereu.

O desejo de vingança encontra um meio de se concretizar, quando já depois de imaginados outros, Procne observa o filho e exclama: *a! quam / es similis patri!* (*Met.* 6.621-622) “Ah! como és parecido com teu pai!” (166)⁵. Uma última réstia de amor maternal, porém, fá-la ainda hesitar:

*ut tamen accessit natus matrique salutem
attulit et parvis adduxit colla lacertis
mixtaque blanditiis puerilibus oscula iunxit,
mota quidem est genetrix infractaque constitit ira
inuitique oculi lacrimis maduere coactis.* (*Met.* 6.624-628)
Quando, porém, ele chegou ao pé dela e saudou a mãe
e lhe lançou os pequeninos braços ao redor do pescoço,
e juntou beijos misturados com mimalhices infantis,
a mãe comoveu-se, a sua cólera foi forçada a esmorecer,
os olhos enchem-se à revelia de lágrimas que saem à força. (167)

A maternidade, evocada pela conduta terna da criança que abraça e beija Procne, impõe-se sobre a ira. É o contacto físico com a mãe que faz com que esta recupere, ainda que momentaneamente, a *pietas* materna. A imagem da irmã ultrajada e estropiada leva-a, todavia, a concluir: *degeneras! scelus est pietas in coniuge Tereo.*

5 Cf. a mesma ideia expressa por Medeia na *Heróide* 12: *Et nimium similes tibi sunt* (*Ep.* 12.189) “e são demasiado semelhantes a ti”. Hipsípila manifesta a sua preocupação pelo facto de a semelhança dos seus filhos com o pai, Jasão, poder representar um perigo para estes, por suscitar a cólera de Medeia: *si quaeris, cui sint similes, cognosceris illis: / fallere non norunt, cetera patris habent.* (*Ep.* 6.123-124) “se queres saber com quem se parecem, és tu que és neles reconhecido: / não sabem como enganar, de resto têm as características do pai”.

(*Met.* 6.635) “Caíste bem baixo. Amor de mãe na esposa de Tereu é crime”. (167). A confusão entre o bem e o mal encontra o seu ponto máximo precisamente neste momento em que o discurso de Procne torna sinónimos *pietas* e *scelus*.

Em Procne, como acontecerá de forma mais elaborada com Alteia, a *mater* e a *soror* estão em conflito. A indecisão é, todavia, muito breve, o que reforça a ideia de que, efectivamente, Procne sofreu um processo de bestialização que culmina não com a metamorfose, mas com a dilaceração do corpo do filho. É este motivo da bestialidade, já presente na descrição da paixão e do crime de Tereu, que se desenvolve no símile que compara a mãe carregando o filho a um tigre que arrasta uma cria de veado⁶. Neste símile repete-se o carácter predatório dos símiles que na primeira parte do episódio associavam Tereu a uma águia que capturara uma lebre e Filomela a um cordeiro perseguido por um lobo ou a uma pomba que escapou de uma ave de rapina (*Met.* 6.516-518; 527-530).

Procne age completamente dominada por um instinto criminoso que a leva a ignorar as súplicas do pequeno filho que estende as mãos em direcção a ela e grita: *Mater! Mater!*. Quando descreve como Procne mata a criança com um só golpe, o narrador comenta: *nec uultum uertit* (*Met.* 6.642) “sem sequer desviar o olhar” (167). Se não o faz, é porque já não vê em Ítis o filho que ela própria gerou, mas apenas um duplo do pai. A mãe de Ítis já não existe, foi vencida pela irmã de Filomela. O desejo de vingança requer que se elimine o fruto do matrimónio com Tereu. A voz da *mater* tem de ser aniquilada para que ela possa tornar-se um instrumento da vingança.

Recorde-se como Procne perdeu logo no início do episódio a capacidade de verbalizar a dor. Nas poucas palavras que pronuncia no episódio, exprime apenas três ideias, em três momentos diversos: primeiro, comunica à irmã as formas que poderá assumir a vingança (*Met.* 6.611-619); a seguir, transmite a conclusão do conflito que se trava na sua mente, e que é descrito pelo narrador, entre o amor pelo filho e o amor pela irmã (*Met.* 6.631-635); e, por fim, revela a Tereu com *crudelia gaudia* (*Met.* 6.653) que o filho que procura está no seu estômago: *intus habes, quem poscis* (*Met.* 6.655) “Quem procuras tens aí dentro” (167). O facto de a hesitação da mãe ser breve e facilmente ultrapassada pelo furor e pela premência de vingar a irmã, aliado ao carácter macabro da morte de Ítis, abundante até ao excesso em pormenores de crueldade (a criança é degolada, o seu pequeno corpo, ainda com uma réstia de vida, desmembrado e cortado em pedaços que são cozinhados e servidos num banquete ao pai⁷) deixa no leitor uma impressão de repugnância e aversão

6 Cf. *Nec mora, traxit Ityn, veluti Gangetica cervae / lactentem fœtum per silvas tigris opacas [...]*. “Sem mais tardar, arrastou Ítis, tal como o tigre do Ganges / arrasta a cria de leite da cerva pelas tenebrosas florestas” (167). Veja-se uma comparação semelhante na *Medeia* de Séneca. Aqui, porém, o animal não é um predador mas, ao invés, uma *mater orba*: *huc fert pedes et illuc, / ut tigris orba natis / cursu furente lustrat / Gangeticum nemus* (*Med.* 862-865). “Caminha ora para aqui, ora para ali, como uma tigre fêmea que, privada dos seus filhos, percorre furiosa o bosque do Ganges.” Trad. Duarte 83-84.

7 *Satis illi ad fata uel unum / uulnus erat: iugulum ferro Philomela resoluit, / uiuæque adhuc animæque aliquid retinentia membra / dilaniant. pars inde cauis exultat aenis, / pars ueribus stridunt; manant penetralia tabo*. “Para o matar, um só golpe / bastou. Com a lâmina, Filomela degola-o, e despedaçam / ambas o corpo ainda

como nenhuma outra descrição nas *Metamorfoses*. Não temos no episódio a *infelix auis* que, de acordo com Horácio, chorava *flebiliter* (“dolorosamente”) Ítis⁸, mas a irmã vingadora. Ovídio omite também a intervenção dos deuses que, em Higino, por misericórdia, transformam as irmãs quando estas fogem de Tereu⁹. No episódio ovidiano, não há deuses nem mães assassinas em pranto... só uma sucessão de crimes hediondos cuja marca se mantém na plumagem das irmãs metamorfoseadas.

Se tivermos em consideração as já mencionadas mães homicidas que, no texto, antecedem a história de Procne, esta aversão é mais notória, porque Agave e Ino assassinam os filhos de forma inimputável. Tornam-se instrumentos de vingança, é certo, mas de uma vingança levada a cabo por divindades que pretendem punir seres mortais e se servem para esse efeito das mães, mas não sem antes as contagiar com a insânia. Agave e Ino, com a importância que em cada um dos episódios assume a confusão entre o que se vê e o que se pensa ver, deixam de ser não apenas mães, mas também seres racionais, e passam a ser ménades possuídas pela loucura.

Alteia é, no entanto, uma mãe diferente. No episódio de Alteia e Meleagro, Ovídio desenvolve a análise da complexidade psicológica da mãe que, de forma consciente, toma a decisão de tirar a vida ao filho. Ainda que seja, como Procne, motivada pelo desejo de vingar a morte dos irmãos, o longo monólogo que pronuncia permite ao leitor acompanhar a evolução do pensamento da personagem, de modo a que possa sentir uma certa simpatia em relação a ela.

Na sequência da caçada ao javali de Cálidon, Meleagro oferece a cabeça do javali a Atalanta, a única participante do sexo feminino. Este acto não foi bem tolerado pelos tios maternos do jovem, que tiraram a Atalanta o troféu e Meleagro assassinou ambos. É precisamente no momento em que a mãe leva oferendas aos templos em agradecimento pela vitória do filho que toma conhecimento da morte dos irmãos.

Acontecera que, no nascimento de Meleagro, as Parcas tinham associado a duração da sua vida ao tempo que demorasse a ser consumido pelo fogo um pedaço de madeira que ardia na lareira e que a mãe rapidamente salvou das chamas e escondeu no interior do palácio, prolongando assim a vida do filho¹⁰. Note-se que a maternidade de Alteia é reforçada por este segundo momento em que garante a segurança de Meleagro. Alteia é a mãe que dá a vida ao filho e aquela que, quando as Parcas a ameaçam com a *orbitas*, com a morte do filho, permite que ele continue a viver. Alteia não sofre uma metamorfose propriamente dita – no

vivo, ainda com um sopro de vida. / Parte saltita em caldeirões de bronze, outra parte chia / em espetos; o aposento fica todo encharcado de sangue” (167).

8 *Nidum ponit, Ityn flebiliter gemens, / infelix auis* (*Carm.* 4.12.5-6). “Faz o ninho, chorando dolorosamente Ítis / a ave infeliz”. A mesma ideia em *Fast.* 4.482: *ut amissum cum gemit ales Ityn*. “como a ave que chora a morte de Ítis”.

9 *Tereus facinore cognito fugientes cum insequeretur, deorum misericordia factum est ut Progne in hirundinem commutaretur, Philomela in lusciniam; Tereum autem accipitrem factum dicunt.* (*Fab.* 45) “Quando Tereu as perseguia em fuga devido ao crime conhecido, aconteceu que por misericórdia dos deuses Procne se transformasse numa andorinha, Filomela num rouxinol; dizem que, todavia, Tereu se tornou um falcão”.

10 A mesma história em Higino, *Fabulae* 171 e 174.

sentido em que não se transforma num elemento da natureza, (numa ave, como Procne, num rochedo, como Niobe, ou num cão selvagem, como Hécuba) – mas sucedem-se, como já acontecia com Procne, logo nos primeiros versos do episódio, as modificações por ela experimentadas: ao mesmo tempo que assume os gestos convencionais do luto pelos irmãos, troca o traje dourado com que celebrava a vitória do filho por vestes negras¹¹. Da sumptuosidade das vestes douradas à cor negra das vestes de luto e das lágrimas de luto ao amor da vingança, Alteia sofre alterações rápidas e violentas de sentimentos:

*quae plangore dato maestis clamoribus urbem
inplet et auratis mutauit uestibus atras;
at simul est auctor necis editus, excidit omnis
luctus et a lacrimis in poenae uersus amorem est.* (Met. 8.447-450)
Entregando-se ao pranto e à flagelação, inunda a cidade
de lancinantes gritos e troca as vestes de ouro por negras.
Mas mal soube quem fora o autor da matança, toda a dor
se desvaneceu, passando das lágrimas à paixão da vingança. (209)

As semelhanças com Procne são óbvias – ambas vingam um ultraje feito a uma irmã ou aos dois irmãos, e, por este motivo, o vocabulário da punição e do crime é idêntico nos dois episódios – mas, as diferenças são, ainda assim, assinaláveis. A hesitação de Alteia é descrita pelo narrador em dezassete versos, as palavras que profere em trinta e um, o que, como vimos, é bem diferente do que sucede com Procne. A transformação que se deu nos primeiros versos vai ganhando consistência à medida que Alteia revolve no seu espírito as alianças a que está vinculada.

Já com o pedaço de madeira na mão, Alteia tenta, sem conseguir, lançá-lo às chamas¹². *Pugnat materque sororque* (Met. 8.463) “É uma luta entre mãe e irmã” (209), afirma o narrador, que constrói a descrição do confronto entre o amor de mãe e o amor fraterno numa série de repetições e poliptotos que acentuam ora a alternância ora a paridade (*saepe* / *saepe*; *modo* / *modo*; *lacrimas* / *lacrimae*; *consanguineas* / *sanguine*) e que culminam na afirmação *impietate pia est...* (Met. 8.477) “age piedosa com impiedade” (210)¹³. Como nas palavras de Procne *scelus est pietas in coniuge Terei*. (Met. 6.635) “Amor de mãe na esposa de Tereu é crime” (167), crime

11 Veja-se o comentário de Anderson 447-448: “the gesture of changing golden raiment for black implies the theme of metamorphosis which is Ovid interest: but she is not merely performing a ritual; she is radically transformed, a psychologically different person, as the result of these deaths”.

12 *Tum conata quater flammis inponere ramum / coepta quater tenuit: pugnat materque sororque, / et diversa trahunt unum duo nomina pectus.* (Met. 8.462-464) “Então, quatro vezes tenta colocar o ramo sobre as chamas, / quatro vezes trava o seu intento. É uma luta entre mãe e irmã, / e os dois nomes puxam um só coração em sentidos opostos” (209).

13 *pugnat materque sororque, / et diversa trahunt unum duo nomina pectus. / saepe metu sceleris pallebant ora futuri, / saepe suum fervens oculis dabat ira ruborem, / et modo nescio quid similis crudele minanti / vultus erat, modo quem misereri credere posses; / cumque ferus lacrimas animi siccaverat ardor, / inveniabantur lacrimae tamen, utque carina, / quam ventus ventoque rapit contrarius aestus, / vim geminam sentit paretque incerta duobus, / Thestias haud aliter dubiis affectibus errat / inque vices ponit positamque resuscitat iram. / incipit esse tamen melior germana parente / et consanguineas ut sanguine leniat umbras, / impietate pia est.* (Met. 8.463ss.).

e *pietas* correspondem-se na mente da mãe que está prestes a matar o filho ou a causar a sua morte. As fronteiras entre a *pietas* e a *impietas*, entre a justiça e a injustiça foram derrubadas pelo desejo de vingança.

O longo monólogo de Alteia evoca um universo trágico de relações familiares enviesadas que se opõe ao ambiente épico da caçada. Como numa suasória, que, de forma conveniente, se inicia com uma invocação às Euménides, os argumentos que justificam a punição de Meleagro vão-se impondo sobre o afecto maternal, especialmente a responsabilidade do jovem pela morte dos tios:

vixisti munere nostro;
nunc merito moriere tuo! cape praemia facti
bisque datam, primum partu, mox stipite rpto [...] (Met. 8.502-504)
Viveste graças à minha dádiva;
agora morres por culpa tua! Colhe o prémio do teu feito, devolve
a vida duas vezes dada, primeiro no parto, depois ao tirar
o pau do fogo [...] (210)

Não é irrelevante que as primeiras palavras de Alteia sejam *Rogus iste cremet mea uiscera* (Met. 8.478) “Que esta pira me queime as entranhas!” (210). Palavras ambíguas que, por metonímia, designam o filho, mas que criam uma fusão completa entre o corpo do filho e o da mãe¹⁴. Ao contrário do que acontece com Procne, Alteia não se distancia de Meleagro, antes enfatiza a relação biológica entre ambos, relação que se mantém mesmo quando, já consumido o corpo do filho pelas chamas, Alteia põe um fim à sua vida. A expressão utilizada para descrever a sua morte é *de matre [...] manus exegit poenas*, que literalmente significa “a mão [de Alteia] puniu a mãe”. Alteia castiga a sua maternidade, consciente do horror do seu crime¹⁵. Mãe e filho unem-se na morte e esta é, aliás, uma das condições que Alteia apresenta para tirar a vida ao filho:

me miseram! male uinctis, sed uincite, fratres,
dummodo, quae dederō uobis, solacia uosque
ipsa sequar. (Met. 8.509-511)
‘Ai de mim! Vencereis desgraçadamente, mas vencei, irmãos,
conquanto eu vos siga, a vós é àquele que vos terei dado
para consolo.’ (210)

São estas as últimas palavras que pronuncia, antes de, virada de costas, lançar para a fogueira o tição que antes salvara das chamas. Alteia é incapaz de observar como o fogo consome o pedaço de madeira a que está ligada a vida do filho. Difere, também neste aspecto, de Procne que, sem desviar o olhar, desfere no filho o golpe fatal. Se o raciocínio que a personagem desenvolve justifica a morte de Meleagro, nunca a mãe deixa de se entender como tal. A sua maternidade é, no entanto, problemática, uma vez que a associa ao homicida dos seus irmãos.

14 O mesmo processo na expressão *uteri mala pignora nostri* (Met. 8.490) “o malvado fruto do meu ventre” (210).

15 Cf. *diri sibi conscia facti* (Met. 8.531), em oposição a Meleagro *inscius* (Met. 8.515).

O contexto, tradicionalmente associado às mulheres, dos *penetralia*, da parte mais recôndita da casa, em que acontecem as mortes de Ítis e de Meleagro, põe em evidência o poder feminino sobre uma área da existência humana de que os homens costumavam estar arredados. Ainda que Eneu, o pai de Meleagro, não seja um criminoso à imagem de Tereu, desempenha também um papel importante na argumentação de Alteia, que o imagina desfrutando da paternidade, enquanto Téstio chora a sua *orbitas*. Na morte do filho, pune-se, também aqui e com as devidas diferenças, o pai.

Ainda que Alteia fundamente a sua decisão na culpa do filho, reconhecendo-lhe assim a imputabilidade necessária para sofrer as consequências do seu acto, o patético do episódio reside no facto de ser a mãe a puni-lo. O herói destemido da caçada transforma-se, deste modo, num ser incapaz de se defender da ira da mãe. Também nos primeiros momentos da sua vida, faltou a Meleagro, por motivos óbvios, a capacidade de impedir que o tição ardesse no fogo. Se, então, foi a mãe quem o salvou, é também agora a mãe quem lhe retira esse amparo indispensável para que continue a viver. Note-se que, no que diz respeito a esta vulnerabilidade absoluta do filho, agora adulto, perante a mãe que lhe retira a protecção que lhe deu desde a nascença, Meleagro não difere de outros filhos mortos pela mãe, especialmente dos que foram assassinados quando não passavam de *pueri*, como Melicertes, o filho com o qual Ino se lança de um precipício para o mar, ou Ítis¹⁶.

Perante uma mãe em fúria, o filho infantiliza-se. Mesmo que seja um homem adulto, como Penteu ou Meleagro, um rei poderoso ou um herói épico, há forças sobrenaturais ou psicológicas que têm a capacidade de transformar a mãe que lhe deu a vida numa Euménide vingadora. Esta metamorfose, independente de qualquer metamorfose física, subverte o que o ser humano considera instintivo e inalterável: o amor materno. Levanta, contudo, questões problemáticas sobre a importância e a hierarquia das relações familiares. Tanto com a morte de Ítis como com a de Meleagro vinga-se um crime, que, em ambos os casos, consistiu no ultraje de relações que garantem a coesão social¹⁷. Tanto Procne como Alteia, depois de uma violenta alteração psicológica, são levadas a um estado em que categorias morais importantes, como a *pietas* ou a distinção entre o bem e o mal, são pervertidas e redefinidas de forma por vezes paradoxal. A *pietas* torna-se *scelus* e *impietas* e as personagens são incapazes de distinguir *fas* e *nefas*. No episódio de Procne e Filomela esta transformação é mais espectacular e aparatosa. De acordo com Gildenhard & Zissos (169), Procne adapta-se a um universo sem dimensão moral ou fundações nomológicas. Esta transformação corresponde, como vimos, a uma bestialização que é anterior à metamorfose final. Alteia sofre igualmente uma

16 Segal 329 comenta a diferença entre a morte de Meleagro e a de Alteia e afirma que a morte daquele tem contornos anti-heróicos, porque este sofre “a reversion to the helplessness of the infant before a mother, whose initial rescue of her child from death is so prominent”.

17 Veja-se a acusação de Filomela a Tereu: *omnia turbasti. paelex ego facta sororis, / tu geminus coniunx, hostis mihi debita Procne!* (6.537-538) “Tudo misturaste: agora sou a amante rival de minha irmã, / tu, esposo bígamo; é justo que ela me puna como inimiga” (164).

transformação moral que, não sendo tão drástica como a de Procne, a conduz a um estado mental que se vislumbra na expressão de repetições e paradoxos. *Impietate pia est*, afirma o narrador sobre Alteia. Esta subversão dos valores morais, levados a significar o seu oposto, torna estas mães seres tenebrosos, que põem em risco a estabilidade universal e se colocam fora dos cânones do comportamento civilizado.

Bibliografia

- ALBERTO, P. F. *Ovídio. Metamorfoses*. Lisboa: Cotovia, 2007.
- ANDERSON, W. S. *Ovid's Metamorphoses. Books 6-10*. Norman: University of California Press, 1972.
- DUARTE, R. *Sêneca. Medeia*. Lisboa: Sá da Costa, 2010.
- FERREIRA, P. S. "Conjecturas em torno da *Medea* de Ovídio." *Sociedade, Poder e Cultura no Tempo de Ovídio*. Ed. Maria Cristina Pimentel & Nuno Simões Rodrigues. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos & Centro de Estudos Clássicos, 2010. 69-80.
- GILDENHARD, I. & A. Zissos. "Somatic Economies: Tragic Bodies and Poetic Design in Ovid's *Metamorphoses*." *Ovidian Transformations: Essays on Ovid's Metamorphoses and its Reception*. Eds. P. Hardie, A. Barchiesi, & S. Hinds. Cambridge: Cambridge Philological Society, 1999. 162-181.
- PINHEIRO, C. S. "Medeia e a elegia: uma leitura da *Heroidum Epistula* XII de Ovídio." *De Augusto a Adriano: Actas do Colóquio de Literatura Latina*. Ed. Aires Augusto Nascimento & Maria Cristina Pimentel. Lisboa: Euphrosyne – Centro de Estudos Clássicos, 2002. 131-141.
- . *Orbae Matres: a dor da mãe pela perda de um filho na Literatura Latina*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian & Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2012.
- RIBBECK, O. *Scaenicae Romanorum Poesis Fragmenta*. Lipsiae: In Aedibus B.G. Teubneri, 1897.
- SEGAL, C. "Ovid's Meleager and the Greeks: trials of gender and genre." *Harvard Studies in Classical Philology* 99 (1999): 301-340.

ÍNDICE

5	PREFÁCIO
7	PREFACE

1. MITOS NA LITERATURA ANTIGA MYTHS IN ANCIENT LITERATURE

11	THE APOLLONIAN FEATURES OF PINDAR'S PYTHIAN ODES Emilio Suárez de la Torre
31	O RETRATO DE CLITEMNESTRA NA LITERATURA GREGA Joaquim Pinheiro
41	IPHIGENEIA PARTHENOS Nuno Simões Rodrigues
49	CONSIDERAÇÕES DE COMO OS MITOS ESCATOLÓGICOS DIRIGEM-SE MUITO MAIS À VIDA DO QUE À MORTE Izabela Bocayuva
59	"NÃO FOI DESTA MANEIRA QUE O TOURO CARREGOU SOBRE O DORSO O PESO DO AMOR" (<i>BATRAC.</i> 78-79) Rui Carlos Fonseca
69	O MITO DE TAGES NO <i>DE DIVINATIONE</i> Giuseppe Ciafardone
75	MATERNIDADES MALDITAS Cristina Santos Pinheiro
85	<i>VICIMVS VICTI PHRYGES</i> : EQUIPARAÇÃO ENTRE VENCIDOS E VENCEDORES, TROIANOS E DÁNAOS, NO <i>AGAMÉMNON</i> DE SÊNECA Ricardo Duarte
99	<i>AMOR MORBUS</i> EM <i>PHAEDRA</i> : O MITO E A DOCTRINA ESTÓICA DOS <i>AFFECTUS</i> Ana Filipa Isidoro da Silva
107	<i>THYESTES</i> DE SÊNECA: O TEATRO DA FRUSTRAÇÃO DA ALMA HUMANA. ENTRE A <i>TRANQUILLITAS ANIMI</i> E O <i>FUROR REGNI</i> Mariana Montalvão Horta e Costa Matias
119	READING CLASSICAL MYTHS IN LATE ANTIQUITY: MACROBIUS' PROPOSAL OF LITERARY IDENTITY IN <i>COMMENTARII IN SOMNIUM SCIPIONIS</i> Julieta Cardigni

2. MITOS NA LITERATURA MODERNA E CONTEMPORÂNEA

MYTHS IN MODERN AND CONTEMPORARY LITERATURE

- 133 MITOLOGIA E MUNDIVIDÊNCIA MANEIRISTA EM *O LIMA* DE DIOGO BERNARDES
José Cândido de Oliveira Martins
- 145 O MITO DE DON JUAN E *LES LIAISONS DANGEREUSES* DE LACLOS
Ana Isabel Moniz
- 155 SERVINDO A CIRCE
Margarida Vale de Gato
- 165 A PRESENÇA DO MITO NA POESIA DE JULES LAFORGUE
Guacira Marcondes Machado
- 171 TRAÇOS DE UMA REFLEXÃO MÍTICA SOBRE O FEMININO EM *O LIVRO DE ALDA* DE ABEL BOTELHO
Rui Sousa
- 187 APOLLINAIRE E A RELEITURA DOS MITOS EM *ALCOOLS*
Silvana Vieira da Silva
- 199 THE RECEPTION OF MYTH IN FERNANDO PESSOA
Maria João Toscano Rico
- 217 BABEL AND MERLIN REVISITED IN C.S. LEWIS'S *THAT HIDEOUS STRENGTH*
Maria Luísa Franco de Oliveira Falcão
- 225 O MITO DE NARCISO E A LITERATURA DE INTROSPECÇÃO
Anna Faedrich Martins
- 239 ULISSES E O VELHO SANTIAGO
Maria Mafalda Viana
- 251 RECEÇÃO MÍTICA EM AGUSTINA BESSA LUÍS
Maria do Carmo Pinheiro e Silva Cardoso Mendes
- 261 RESSIGNIFICAÇÕES DO MITO CLÁSSICO DO MARAVILHOSO NO LIVRO *FITA VERDE NO CABELO*, DE JOÃO GUIMARÃES ROSA
Nerynei Meira Carneiro Bellini
- 273 O MITO REVISITADO NA FICÇÃO DE ANGOLA: *O DESEJO DE KIANDA E A PARÁBOLA DO CÁGADO VELHO*, DE PEPETELA
Maria Cristina Batalha
- 283 O RESSURGIMENTO DE VÊNUS
Joana Marques de Almeida
- 291 "THE MYTH TO END ALL MYTHS"
Alexandra Cheira
- 299 REVISITING THE TUDOR MYTH IN SANDRA WORTH'S *THE ROSE OF YORK TRILOGY*
Susana Paula de Magalhães Oliveira
- 307 DO CAOS AO COSMOS
Helena Malheiro
- 317 A INEXORABILIDADE DO DESTINO DO MITO GREGO NA MODERNIDADE ATRAVÉS DA POESIA DE SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN
Maria da Conceição Oliveira Guimarães

3. MITOS NAS ARTES

MYTHS IN ARTS

- 331 RECYCLING MYTHS IN BYZANTINE ART
Livia Bevilacqua
- 343 *AFRODITE E EROS*, REVISITADOS POR FRANCISCO DE HOLANDA
Teresa Lousa
- 351 EROS PLAYING WITH WALNUTS IN THE COMEDIES OF JORGE FERREIRA DE VASCONCELOS
Silvina Pereira
- 363 O MITO INSTÁVEL DE ORESTES E HAMLET
Henrique Miguel Carvalho
- 373 A PRESENÇA DE ALCESTE NA MÚSICA ERUDITA
Ana Alexandra Alves de Sousa
- 383 TRISTÃO E ISOLDA: O MITO DO AMOR IMPOSSÍVEL
Gianmarco Catacchio
- 391 OS MITOS ARTURIANOS NA PINTURA DO SÉCULO XIX
Ana Margarida Chora
- 403 PAIXÃO, SABEDORIA E NARRATIVA MÍTICA NA XILOGRAVURA DE HEIN SEMKE
Joanna Latka
- 413 ALGUNS APONTAMENTOS NA MITOLOGIA DAS “LOUCAS”
Isabel Henriques de Jesus
- 423 CAGE WAKES UP JOYCE
Ana Luísa Valdeira
- 433 MARGARET ATWOOD’S *THE PENELOPIAD*
Sara Paiva Henriques
- 445 PERCY JACKSON: O LADRÃO DE MITOS
João Peixe
- 453 *BITE ME! BUT PLEASE BE SEXY ABOUT IT* – O MITO DO VAMPIRO NO CINEMA
José Duarte

4. MITOS NA HISTÓRIA E NA FILOSOFIA

MYTHS IN HISTORY AND PHILOSOPHY

- 471 THE THEBAN MYTHS IN HERODOTUS: NOT YET A NEGATIVE PARADIGM
Pierpaolo Peroni
- 483 SCIPIO AEMILIANUS AND ODYSSEUS AS PARADIGMS OF *PRÓNOIA*
Breno Battistin Sebastiani
- 495 RECONFIGURAÇÕES MEDIEVAIS E MODERNAS DO MITO DE ATLÂNTIDA
Margarida Santos Alpalhão
- 503 A CHEGADA DO CARDEAL ALEXANDRINO A LISBOA (1571)
André Simões

- 517** FROM OBSCURITY TO THE PANTHEON OF PORTUGUESE AMERICAN HEROES:
RECYCLING PETER FRANCISCO FOR ETHNIC MINORITY 'FEEL GOOD' AND UPLIFT
Reinaldo Francisco Silva
- 529** *IRACEMA PARA ALÉM DAS EXPECTATIVAS*
Tito Barros Leal
- 539** CASSANDRA REVISITADA
Sandra Pereira Vinagre
- 551** O MITO COMO LEITURA DA HISTÓRIA
Ivone Daré Rabello
- 559** A ERÓTICA DO ÊXTASE
Lolita Guimarães Guerra
- 575** DEVOLVER O FOGO AOS DEUSES
Sofia Santos

5. MITOS NA CULTURA POPULAR

MYTHS IN POPULAR CULTURE

- 587** RARIDADE E DIVERSIDADE COMO FACES DA MESMA MOEDA
Marina Pelluci Duarte Mortoza
- 595** MITOLOGIA NA FÁBULA
Ana Paiva Morais
Teresa Araújo
- 607** TEMAS MÍTICOS NOS CONTOS POPULARES PORTUGUESES
Cristina Abranches Guerreiro
- 615** "A SERRANA" E "A GALHARDA", DOIS RETRATOS DA MULHER DEVORADORA NO
ROMANCEIRO DE TRADIÇÃO PORTUGUESA
Ana Sirgado
- 625** A LENDA DAS ÁGUAS SANTAS DO VIMEIRO
Natália Albino Pires
- 637** O HERÓI MÍTICO E A IMAGEM DO PRÍNCIPE NOS CONTOS DE JOSÉ LEITE DE
VASCONCELOS
Teresa M. Gonçalves de Castro
- 651** MITO E CONTO POPULAR
Maria Auxiliadora Fontana Baseio
- 659** *AS MÃOS DOS PRETOS*, DE LUÍS BERNARDO HOWANA
Maria Zilda da Cunha
- 671** ANGELA CARTER E BARBA-AZUL
Cleide Antonia Rapucci

6.MITOS NA RELIGIÃO E NAS CIÊNCIAS

MYTHS IN RELIGION AND SCIENCE

- 685** **THE JUDGMENT BETWEEN HORUS AND SETH AS A PARADIGM FOR THE JUDGMENT OF THE DEAD**
André de Campos Silva
- 697** **REVISITANDO O MITO EGÍPCIO DAS LUTAS ENTRE HÓRUS E SET**
José das Candeias Sales
- 715** **DA PALAVRA AO ACTO**
Miguel Pimenta-Silva
- 727** **LILITH: FROM POWERFUL GODDESS TO EVIL QUEEN**
Maria Fernandes
- 737** **ENTRE MITO E CIÊNCIA**
Abel N. Pena
- 749** **A MIGRAÇÃO DOS PORTENTOS**
Isabel de Barros Dias
- 763** **O MITO DA CRIAÇÃO NO CORÃO E O SEU REFLEXO NA MÍSTICA SUFI**
Natália Maria Lopes Nunes
- 777** **REVISITAR A CATÁBASE**
Daniela Di Pasquale
- 789** **REMINISCÊNCIAS DE VERGÍLIO NA OBRA POÉTICA DE PEDRO JOÃO PERPINHÃO**
Helena Costa Toipa
- 805** **NARCISO E LEONARDO NA PERSPETIVA DE FREUD**
Isabel Castro Lopes
- 815** **À PROCURA DE UM FINAL FELIZ, OU A NARRATIVA ADÂMICA REVISITADA POR LLANSOL**
Cristiana Vasconcelos Rodrigues

Revisitar o Mito / Myths Revisited revisita o mito e o modo como ele tanto gera e alimenta o imaginário humano de todos os tempos e lugares, como nos permite repensar os abismos e as zonas profundas e sombrias que procedem de um irracional mitológico. Partindo do filão clássico, os contributos multidisciplinares reunidos neste volume incidem sobre a plasticidade do mito, materializado nas suas expressões literárias, artísticas, políticas ou científicas e lido à luz das novas ciências e áreas do saber.

Revisitar o Mito / Myths Revisited revisits myth and how it has both generated and nurtured human imagination across time and space, and allowed us to rethink the abysmal and sombre depths that proceed from the mythological irrational. Rooted in the classical repository, the contributions assembled in this volume privilege dynamic and interdisciplinary approaches to the plasticity of myth, as manifest in literary, artistic, political or scientific expression.



ISBN 978-989-755-112-3

